

Alguns bailes de Entrudo

Teatro Popular do Minho Baixo (2.a parte) *

FELICIANO LOPES GOMES



8)
21.134.3-2Gomes,F
OM

minha

2.ª Série, Ano V, n.º 6, 1982

A memória do
grande homem que
foi meu pai, oferece
ao Dr. Victor Rinho

Luiz Bon

Alguns bailes de Entrudo

Teatro Popular do Minho Baixo (2.a parte) *

FELICIANO LOPES GOMES



Simão e Mateus

Barceliana Perm.

INFORMADORES

António Faria (A. F.) meu informador em Martim, populosa freguesia do concelho de Barcelos, donde é natural, e a quem devo muitos elementos etnográficos que tenho colhido nesta região, tem 72 anos, dedicados às fainas agrícolas quer como caseiro, quer como jornaleiro, colhendo muitas canseiras e poucos proventos. Personifica o nosso rústico «pobrete mas alegrete». Pela sua vivacidade era o grande animador das serviçadas e serões com seus cantares ao desafio. De sua natureza prestável, honesto e muito cortês, é amado por todos, criando um bando de filhos, sempre alegre, franco e comunicativo.

Segundo afirma foi um apaixonado dos bailes do entrudo, tendo tomado parte como entrudeiro na peça «Simão e Mateus», que ainda hoje recita de cor, embora tenha sido representada pela última vez há cerca de 50 anos.

É analfabeto e residiu sempre na região.

Recolha feita em 6 de Fevereiro de 1966.

* A primeira parte deste trabalho, com apresentação de Mário César, foi publicada em «Mínia», Braga, 2.ª série 4 (5) 1981, P. 69-140.

ENTRECHO

O casco «Simão e Mateus», apresenta-nos duas figuras muito comuns na região, o astucioso compadre casamenteiro (Simão) a explorar o viúvo louco (Mateus).

Apresentase recheado de juras de amor, num namorar em verso, tanto ao gosto dos conversados, do fim do século, nas nossas aldeias.

Não lhe faltam as tradicionais personagens dos «velhos», comuns à maioria destas peças, e que se tornam as figuras centrais, pois com a sua avançada idade, estão doidos por casar.

Como se pode verificar através do texto, a peça tem ditos brejeiros com o que a assistência se apaixona e delira.

PROVENIÊNCIA

1 — Na freguesia de Martim, concelho de Barcelos, onde procedi à recolha, ninguém sabe concretamente da proveniência desta peça. Indica A. F. por ter ouvido dizer, que veio por cópia da freguesia de Priscos, concelho de Braga.

O manuscrito que possuo foi copiado em 3 de Janeiro de 1940, por Manuel Ferreira da Silva Prata, na freguesia de Sequeira, do concelho de Braga, em papel almaço pautado, dobrado na horizontal formando um caderno com 40 páginas.

2 — Há notícia de que se organizaram grupos que exibiram esta peça nas freguesias de Martim, concelho de Barcelos, e na de Sequeira, do concelho de Braga.

3 — Tinha arreigadas tradições na freguesia de Martim, onde se representava anualmente, assim como, a convite ou por contrato, nas freguesias vizinhas.

Recorda A. F. a grande honra de, por volta de 1900, terem sido contratados para uma representação junto a um estabelecimento, denominado «Adega», em Maximinos, na cidade de Braga. O chefe do grupo tratou o baile por dez mil réis, mas por ter sido um êxito, julgo que comercial, foi-lhes oferecido, extra contrato, pão, vinho e figos, à «discrição».

ORGANIZAÇÃO

1 — Convidados por um indivíduo que tomava a chefia do grupo, reuniam-se os actores e nomeavam um ensaiador, também actor, que distribuíia os papéis, numa escolha segundo os dotes físicos.

Nesta freguesia de Martim, eram sempre recrutados na classe média e pobre, embora tivessem assistência económica dos mais favorecidos da fortuna.

Existiu grande entusiasmo e até rivalidade entre alguns lugares desta freguesia o que levou à organização, por volta de 1915 (A. F.), de três grupos chefiados pelos caciques das várias facções políticas, tendo apresentado nesse ano em público três peças diferentes nos mesmos dias e locais.

2 — Cotizavam-se com dez tostões por cabeça, com o que suportavam as despesas iniciais, mas o maior interesse da cotização era vinculá-los ao conjunto, pois os encargos eram custeados pelos carolas abastados, e, além disso, na intenção de os aliciar, davam colação de pão e vinho nos ensaios, e até rojoadas em dia de ensaio geral.

Nunca receberam subsídios oficiais.

PARTICIPANTES

3 1 — Compunham o baile oito entrudeiros do sexo masculino interpretando dez personagens:

<i>Mateus</i>	— Velho
<i>Símão</i>	— Compadre
<i>Laurindo</i>	— Moço
<i>Assis</i>	— Moço e segundo preto
<i>Sancho</i>	— Criado de Mateus e segundo preto
<i>Camila</i>	} — Moças (filhas de Mateus)
<i>Galateia</i>	
<i>Marta</i>	— Velha

2 — Não encontrei variantes, sendo idênticas as informações fornecidas por A. F.

INDUMENTÁRIA

1 — Como no baile «Entrudo Pandulho» todos os entrudeiros à excepção das moças representavam de máscara, mas informa A. F. que em tempos passados os pretos pintavam a cara com fuligem de chaminé e as caretas eram confeccionadas na terra.

Nos últimos anos foram compradas nos bazares, e o dia da aquisição era de grande folia. Dirigiam-se todos os componentes do grupo a Braga e aí escolhiam as caretas à feição. No regresso, depois de bem bebidos, davam largas ao seu entusiasmo com cantigas ao desafio e ao som da concertina. Processo de reclamar os próximos bailes.

2 — Cada figurante tinha brio no melhor guarda-roupa. Assim empenhava amigos para lhe conseguir jaquetas em Guimarães e ao que informa A. F. isso foi grande luxo, mas quase em desuso na região. A restante indumentária era a prata da casa, numa tentativa de apresentarem o mais antigo e de maior efeito espectacular.

Não alugavam cabeleiras, os que desempenhavam papéis femininos usavam chapéu, próprio e comum à lavradeira da região.

3 — *Velho*: Máscara de velho, labita e cartola, e em certa cena: cabeleira, gravata, chapéu de palhinha e bengala de castão de prata.

Compadre: Máscara decente, roupa clara de trajo corrente na época.

Moços e criado: Máscara formosa, boné de cor cinzenta, jaqueta em tecido de montanhaque com alamares a abotoar em centenárias¹, faixa preta à cinta sobre calças de alcapão e boca de sino, lenço de merino cor de canário com franja, a tiracolo, e cachené de sede ao recacho. Calçado da época.

Moças para namorar: Chapéu, e o trajo feminino de maior valia e aparato das redondezas, bem ouradas (dois a três cordões amedalhados) e argolas suspensas das orelhas por um fio. Em 1915 usaram:

Casacos — em pano de casimira ou armur de lã, enfeitados a lentejoulas ou guarnições.

¹ Moedas de prata criadas e mandadas cunhar pela Lei de 21-5-1896, são comemorativas do 4.º centenário da partida de Vasco da Gama para a Índia. Com o valor de 1000^{rs}, 500^{rs} e 200^{rs} (coroa, meia coroa e dois tostões), tinham no verso a esfinge de D. Carlos e D. Amélia, no reverso «Centenário da Descoberta da Índia, 1498-1898».

Saias — em pano de baetilha com barra de veludo e folhos de cetim, cor preta, guarnições e lentejoulas e, algumas mais ricas, enfeitadas a vidrilhos.

Aventais — pano de armur lavrado, em lã, com barra de pele de lontra — enfeites de lentejoulas ou vidrilhos circundando a barra.

Meias — cor branca, de linho ou algodão.

Chinelas — calfe preto com laço de fita de seda.

Roupa interior — Camisa de linho, duas saias brancas ou náguas com entremeio, boleadas a renda, franjadas e pregueadas para armar os sete panos da saia exterior; saiote de quadros enfeitado a espeguilha vermelha.

Velha: Cada grupo caracterizava-se a seu modo, transformando-a o mais possível numa figura grotesca, sem nunca faltar o colar de bogalhos.

INSTRUMENTOS MUSICAIS

1 — A orquestra era contratada para o ensaio geral e acompanhamento nas deslocações e representações. Recrutavam os músicos nas bandas e tunas da região e nesse recrutamento não encontravam dificuldades dada a quantidade de agremiações e de executantes.

Segundo informa A. F. no princípio do século achavam-se em actividade:

Bandas Musicais: Barcelos, Oliveira, Cabreiros e Cervães (só a de Barcelos foi extinta).

Tunas: Cabreiros, Martim, Encourados, Airó e Sequeira (embora em grande decadência a única organizada é a de Airó).

2 — Instrumental

De sopro:

Cornetim 1

Clarinete ou requinta 1

Baixo 1

De corda:

Violões 2

Rabecas 2

A quantidade e até qualidade dependia da provável receita do ano (calculada pelo número de convites ou da carolice dos organizadores).

ESPECTÁCULO

As informações registadas sobre os números 1, 2, 3, 4, 5 e 6, respectivas à peça anterior valem também para esta. No encontrei diferenças.

7 — Dividem da mesma forma o espectáculo e segundo A. F. a dança dos pretos coreograficamente é igual à da peça anterior, mas recorda-se que a fala era mais extensa e eu deduzi até que tinha muito de improvisado.

8 — A introdução às loas é semelhante, ouvindo as mesmas aos dois informadores J. L. e A. F..

De A. F. recolhi mais as seguintes:

*Vinde cá ó moças solteiras,
Pareceis-me um ramalhete,
Mas depois de casadas
Não faltam côdeas pelo colete.*

*Vinde cá ó moleiros,
Sois um bando de ladrões,
Mas eu do meu não tenho queixa!...
Ainda me dá mais do que deixa.*

Nem os comparsas poupavam...

Meus Senhores!

*Já cá tenho uma senha,
Que neste lugar anda mulher prenhã,
E se é de quem eu cuido
Anda nos bailes do «entruído».*

Por terem sido um sucesso na época ainda recordam outras quadras bem como a sua história:

Uma família moradora no lugar de Santo António da freguesia de Martim, avô, filhos e netos, este ainda muito novo, contrairam uma doença venérea. Foi o escândalo do ano e anunciavam que a loa dos «bailes» não o perdoaria. Os visados mandaram emissário, moveram

influências, mas o pregoeiro não cedeu — «o povo esperava a denúncia pública.» Voltaram ao homem da loa com ameaças, insinuando que o baile não se chegava a realizar, transformado em arraial de pancadaria. Tudo em vão.

Domingo Gordo a assistência em grande número esperava o espectáculo. — Diz!..., não diz!..., ao mesmo tempo que se anunciavam grandes desforços. Os partidos moviam-se à volta do terreiro do baile rastejando os varapaus, aumentando a expectativa. Uns mais pacíficos tentam negociações da última hora, mas nada demove o pregoeiro que anuncia:

Meus Senhores!...

*Ai para Santo António
Houve tamanho veneno
Que apanharam os grandes
E não escapou o pequeno...*

De tão camuflada ficaram suspensos.

— Foi o que lhe valeu!...

— Mas disse!

Outra quadra que não esqueceu, talvez pelo sabor pornográfico:

Moças casadoiras tentaram afugentar certo mancebo imbecil e guloso que lhes fazia rapapés. Rico ao que parece, agradou à família das raparigas que lhe dava entrada em casa.

Na época das matanças convidaram-no a comer uns rojões, tendo elas preparado a vagina da porca que lhe ofereceram à mistura com outras febras, e segundo o meu informador A. F., o prato ficou limpo.

Chegado o Carnaval os entrudeiros achincalharam o logrado:

*Aqui em S. Julião
Há um tamanho parolo
Que comeu a griseta da porca
Com um pedaço de bolo.*

Recolhi também este fragmento em Martim:

Meus Senhores!

*Estas mulheres que vão a Cabreiros
Aguçar a ferramenta.....*

Havia nesta freguesia um ferreiro com fama de femeeiro, o que certa mulher casada com homem fisicamente débil, aproveitava, e até elogiava. A loa não perdoou:

*...Depois vinha por Vila Pouca
E ainda dizia:
— Aquele é que era homem...
o dela era de pouca roupa.*

9 — Também se publica o casco respeitando escrupulosamente a ortografia, pontuação, gramática e disposição gráfica da manuscrito.

10 — Possuíam vários enredos, citando o meu informador A. F. o título de alguns que fizeram sucesso, representados pelos grupos de Martim — «A Venda da Vaca», «O Salteador» e o «Mineiro», e ainda outros extraídos de cascos, lembrando vaidosamente a partida que o seu grupo tramou aos de Martim de Além.

Os entrudeiros de Martim foram convidados a exhibir os seus bailes na freguesia de Cabreiros, numa propositada intenção de os humilhar em comparação com os do Além, que se julgavam melhor industriados, levando à cena no mesmo dia e local as peças tradicionais «Simão e Mateus» (Martim) e «Entrudo Pandulho» (Cabreiros). Logo o público de Cabreiros torcia facciosamente pelos de Além, quando emudeceu de espanto. Os vizinhos tinham extraído as melhores cenas e de maior efeito espectacular ao casco de Cabreiros e representaram-nos em enredos. A peça ridicularizada, esfrangalhada, perdeu o interesse de ocasião.

Um êxito e um conflito.

ASSISTÊNCIA

1 — A mesma curiosidade, os mesmos costumes na recitação da loa, mas, segundo me conta o meu informador A. F., era frequente, quando a carapuça estava mal talhada, intervirem os atingidos, estabelecendo-se comunicação entre os actores e a assistência.

Conta o informador A. F. que num certo Carnaval, na freguesia de Martim, a loa não poupava os «cucos» da sua aldeia e arredores, e de tão declarada começou a desagradar aos visados e amigos.

O público insurgiu-se e as ameaças formavam roda à volta do pregoeiro. Este, embora de costas guardadas pelos comparsas, previu que

o «baile» redondava em grande arraial de pancadaria, e teve o poder do improviso — a dificuldade faz o engenho — e apregoeou:

Ó Meus Senhores!

*Eu já em minha casa
Tenho visto uns sinais,
Que já me parece que sou
Um «cuco» como os demais.*

Considerado o perigo que corria a sua integridade física, a saída foi airoso, o público riu, esqueceu as ofensas, e assim serenaram os ânimos.

Quem não levou a bem, e se sentiu ofendida na sua dignidade de esposa fiel, foi a mulher do pregoeiro, de quem este se não lembrara, a qual não resistiu à intervenção no meio do auditório: «não num és f. da p.».

A senhora era virtuosa, considerada no meio, e a linguagem de que se serviu em nada a depreciou, antes recebendo aplausos pela sua justa e compreensível reacção, acompanhados de comentários favoráveis dos espectadores: *Ele é que foi sujo, abocanhando a honra da sua companheira.*» Logo não existiu ofensa à moral pública e muito menos à sogra, em quem nem sequer pensara.

Continuando, o meu informador A. F. lembra que esta cena improvisada teve o condão de transmutar a inicial ameaça de motim no melhor acordo, entre comediantes e assistência, não lembrando «bailes de entruído» tão festejados como os dessa inesquecível Terça-feira de Carnaval.

Aplaudiam entusiasmados, todos os anos, o mesmo texto que de cor sabiam, esperando ansiosos aquela passagem da «velha» em que esta toda gaiteira rejuvenesce e insinua seus dotes ao noivo. *Eu tenho um prado regadio / que não seca mesmo no estio / e quantas mais vezes é regado / mais erva cresce no prado / sei coser e fiar como se quer / e tenho tudo o que é dado a uma mulher.*

2 — O mesmo interesse especial pela parte coreográfica já anotado na peça anterior.

FUNÇÃO SOCIAL

A mesma função social da peça anterior até por que se realizava em freguesia vizinha, embora de concelho diferente.

Chamo a atenção para um acidente da «loa» em que transcrevo a frase que ouvi ao meu informador A. F.: «o povo esperava a denúncia pública». (N. 8 — Espectáculo, pag. 61, l. 1 e 2).

Casco de Simão e Mateus

PERSONAGENS

<i>Matêus</i>	
<i>Simão</i>	— compadre
<i>Laurindo</i>	} — moços
<i>Assis</i>	
<i>Sancho</i>	— criado de Mateus
<i>Camila</i>	} — filhas de Mateus
<i>Glateia</i>	
<i>Velha</i>	

Matêus:

Deveras compadre, êu já não posso sofrêr e aturar duas filhas desavergonhadas — que todo o seu intento é de sêrem casadas; uma de quatorze, outra de dezasseis anos e o mais que elas terão; — pois compadre já lhe pegou o fogo de alcatrão. Todo o tempo se lhe vai em asseios, lenços e toucas e embanhar os cabelos; saem às janelas tão enfeitadas capazes de fazerem render o coração mais duro, — aqui tem compadre o que eu aturo.

Simão:

Pois compadre Matêus — sôfra tudo por amor de Deus, — mas o meu parecer lhe vou dar — cuide compadre em as suas filhas casar; para viver com mais socêgo e mais descansado que as molheres é um tal gado — que conta nelas ninguém tem.

Matêus:

Oh compadre! você diz muito bem e eu atendo ao seu parecer — mas diga-me o que ei-de fazer? eu também já tive essa lembrança — mas como fiquei viuvo uma criança — ainda conservo uma tenção — que não sei se a realizarei ou não.

Simão:

Agora me está dando riso — parece que o compadre de todo perdeu o juízo — pois você dessa idade já não honra os ossos à comadre — que voltas não dará ela na cova se você se casar agora?

Matêus:

As voltas que ela lá dá — não me remedeiam de nada cá porque eu em casar não é caso de admirar — porque não lhe faço ofensa nem agravo — nem é caso dela tecer com o rabo — que se eu fosse e ela ficasse — não me importava que ela casasse — e ela o mesmo devia fazer — e eu é que quero casar corra o carro poronde correr.

Simão:

Visto bocê ter esse intento — quero falar-lhe num casamento — que sei de uma viuva honrrada — que todo o seu intento é de ser cazada — morreu-lhe o marido a outra semana — e já anda tão douda e leviana, que apenas êle tinha morrido — já eu lhe conhecia êsse sentido — e como você e ela tem vontade de cazar — fazem um casamento de chapar.

Matêus:

Oh compadre! você se dá commigo casado á-de ser pago do seu trabalho, e a paga á-de ser conforme eu a julgar e você o merecer.

Simão:

Depois de nós sermos compadres e amigos — de tempos antigos — tomo isso a meu cuidado — e conte compadre que está casado.

Matêus:

A tão grande favor só o satisfaço com um apertado abraço.

Simão:

Não me aperte muito as costelas que estou par aí bastante dorido delas.

Matêus:

Como deixarei dos meus braços, a quem par mim vai dar tantos passos.

Simão:

Basta, basta de abraços, temos feito — já estou escanselado dêste peito — deixeme ir depressa a onde vou; que em em antes de um quarto de hora aqui estou; *(retira)*

Matêus:

Ora vá compadre Simão — ao meu empenho dar satisfação; — Ora estou a ver da sorte que o meu casamento é arranjado — e se o negócio for direito, — tudo me corre a geito — porém se as minhas filhas o chegam a saber — onde se á-de o pobre velho de meter? — Mas ai que lá vem Camila tão afreimada o seu resplente é de vir agastada — eu me oculto para o lado e ouvirei o seu recado.

Camila: (entra)

Toda a filha, que fica sem mãe, se pode chamar infeliz — como êu fui delas, porem Deus assim o quiz com outra mana querida de idade menor ficamos — aturando um pai louco só deus sabe o que passamos — eu me vejo de idade de tomar estado — e êle com desleixo e sem cuidado — entra em caza, come e bebe — e torna a sair, para o diabo, que o leve — e eu no estado de solteira, que vá sofrendo.

Matêus:

Ora já o sangue me está fervendo — não posso já uma filha aturar — com tanto escandalo de ser pai mormorar! que fazes aqui Camila? que vieste aqui buscar?

Camila:

Venho saber a resposta do que já lhe disse...

Matêus:

E não lhe sai do sentido tal parvoíce... — Ora dis-me, em que ei-de cuidar?

Camila:

Já lhe disse, que era tempo de me casar — e de novo lhe torno a repetir...

Matêus:

Ó filha, o caso por um lado, está de pasmo e por outro está de rir — Pois sabe filha, que todo o meu intento — é arranjar-te um bom casamento — para ti e para tua irmã; mas para isso é preciso esperarmos a ocasião.

Camila:

Estou farta de esperar, — agora digo, que é tempo e querome cazar.

Matêus:

E eu digo, que não és tão velha, que não possas esperar.

Camila:

Se eu posso esperar ou não, não o sabe vocemecê...

Matêus:

Então quero saber a razão porquê?

Camila:

Quantos anos tinha a mãe, quando concigo casou?

Matêus:

Quinze, em meu poder completou.

Camila:

Pois quinze, estou eu afazer — e penso, que não tem aí que me dizer — e além disso, tenho circunstâncias no meu intento que não posso demorar muito o meu casamento — e quero resposta, que é o seu dever.

Matêus:

E que te poderei eu responder? digote que tomara eu para mim, — que ando nesses alcances, — e tu fás também assim.

Camila:

Deus, me livre senhor pai, de você ainda querer casar — sendo pai de duas filhas, bem se pode envergonhar.

Matêus:

Eu dos teus concelhos, não preciso — cale-me essa boca e tenha juízo — e de mim não esteja fazendo mofa, — quando não passa adiante esta galhofa.

Camila:

Fique-se, embora meu pai, em você não há que ater vou procurar o meu remédio, assim o hei-de fazer.

Matêus:

Se casares, sem minha licença, o dote, que te hei-de dar — é um bom assobio para assobiar — e tenho senhora dado o meu recado — se você anda aceza, eu ando desesperado.

Camila:

Faça meu pai, o que entender, — que eu farei o que melhor me parecer (*retira*).

Matêus:

Esta fazenda, quando lhe dá para casar — nem o diabo as pode aturar — é caso para se vêr — á-de vir para aí o outro diabo; vou-me para aqui esconder.

Glateia (entra):

Com penas e aflições, me conduso a este lugar — quem eu procuro, não acho e lhe queria falar; — um desleixado dum pai, que Deus, me deu, — que não sei, que vida é a sua, nem que juízo é o seu — é um mau estrubil de crueldade; que não entende de razão, nem de piedade — sendo um pai com desleixo e seu cuidado — não nos procura arru-

mação, nem nos dá estado; — sabendo que é perigoso o estado de solteira!...

Matêus:

Aí vem, a maldita com a mesma asneira! — fartas vós sejais de casar; — A que vieste Glateia a este lugar?

Glateia:

À você mesmo, é que eu venho procurar!...

Matêus:

Então é preciso vires assim tão agastada? toleirona desavergonhada! — atrevida, confiada e descortêz; — assim faltas ao respeito a um pai, que te fez?

Glateia:

Se lhe fis alguns excessos de desobediência — é porque já me faltava a paciência...

Matêus:

E que queixas tens tu de mim? dize, fala?

Glateia:

Meu peito com magua estala — e o coração se me abre do puro sentimento, — porque já se vai demorando o meu casamento — e você com desleixo e sem cuidado, — não nos procura arrumação nem estado; — pois pela idade já se não espera, que eu já fêz — dezasseis anos menos um mês.

Matêus:

Sim és muito velha, sabes tu o padre nosso?

Glateia:

Bem o queria aprender, mas não posso — nem você mo tem ensinado.

Matêus:

Valha-te Dêus, ou o diabo; — mas também te não ensinei a casares. e tu nêsse ponto estás capás — de me dar sóta e áz.

Glateia:

A esse respeito, cale-me o bico — em duas palavras lhe digo e me explico; — saiba que é tempo e quero-me cazar.

Matêus:

E eu digo que vás à merda, — que eu vou cagar — andais bem desesperadas; — eu nunca contei de tal vêr; — pois não ei-de jejuar e ver-vos estar a comêr — e sem que eu arranje o meu casamento — não pregueis commigo que perdeis o tempo.

Glateia:

Você senhor pai, ainda tem dessas louquices? — trate de cazar as filhas e deixe-se dessas parvoices. — Assis, meu rico affecto, amor a ti me reporto — para transportar a triste, que suporto — digno amante pastôr a quem deposito todo o meu amor. — Eu marchô a procurar-te acharei tudo em acharte — e se a furtuna quizer que eu antes da morte — eu logre a ti e tu a mim como consorte — eu me retiro daqui por um pouco — para fugir da companhia de um pai louco; as tuas passadas amante Assis seguirei — e não te encontrando me matarei — pois quando a um pai pedia favores — e se dobravam penas e dôres — e você senhor pai, dessa idade pensa cazar? eu me auzento a procurar o amante Assis, pastôr leál.

Matêus:

Tanto se me dá, que faça bem como que faça má! o que eu quero é casar também e não me importa a vida de ninguém.

Simão: (entra)

Aqui venho compadre Matêus — tenho trabalhado muito louvado seja deus — mas penço, que arranjei o seu casamento.

Matêus:

O negócio levou-lhe bastante tempo — eu já cá no meu sentido receava — que o negócio se transtornava.

Simão:

Não que o compadre, quando eu lá cheguei — já outro lá encontrei a falar-lhe o casamento — com quem ela tinha algum intento por ser de grande valôr e ponderação.

Matêus:

Então era êle grande figurão.

Simão:

Nem mais nem menos era assim a sua proporção.

Matêus:

E ficou compadre êsse negócio decidido?

Simão:

Isso agora á-de se acabar de decidir consigo — porque a um certo lugar avêmos de ir ter aonde também a noiva á-de aparecer — e lá êsse negócio concluirêmos — mas, para isso era bom que já marchemos.

Matêus:

Pois compadre, vamos que eu por casar estou mesmo a estalar — e disso tenho bontade tamanha — que não o levando a efeito arrebento como uma castanha.

Simão:

Da forma, que eu o gabei, êste casamento é impossivel que não vá a fundamento — afirmei-lhe que você que tem fazenda e bastante dinheiro — e que vestia e calçava como bom cavalheiro.

Matêus:

Então não seria nenhuma asneira — vestir a casaca e pôr a cabeleira — porque vestido com este fato sempre meterei mais aparáto e depois com o meu chapéu de palha — penço que vou assim posto na álha.

Simão:

Não é mau levar a bengala de castão de prata e por ao pescoço uma gravata e com a casaca e a cabeleira e o chapéu de encanar — pinta-se uma figura meu compadre de cagár.

Matêus:

Nunca foi má advertência — va-me compadre buscar tudo com deligência, — porque antes de sair aqui mesmo me quero vestir.

Simão:

Pois eu vou num momento e volto já sem perda de tempo (*retira*).

Matêus:

Com este vestido não é de duvidar; que muito bem ei-de figurar.

Simão: (entra)

Ora aqui estão os arreios, que eu fui buscar trate compadre de se arrear — porque são horas de irmos marchando — que talvez a esposa já esteja esperando.

Matêus:

Pois venha a casaca em primeiro lugar — e depois a cabeleira e o chapéu de encanar (*veste a casaca às avessas*).

Simão:

Ó compadre? olhe que isso não [vai] bem!...

Matêus:

Pois então, que erro tem?

Simão:

Foi com os quartos trazeiros para o cachaço...

Matêus:

Deixeme compadre, que em bem sei o que faço — eu ei-de brilhar, seja como fôr — e dê-me a cabeleira que a quero pôr (*veste a cabeleira e põe-na com o rabo para diante*).

Simão:

Ora aí temos nós a maior asneira. — Ó compadre você virou para diante o rabo à cabeleira!...

Matêus:

Eu quero vestir-me com feitios de gente, mas tudo que toca a rabo eu quero cá por diante — e todo o omem que sabe o que fáz — não quer nada de rabo cá por trás. — Venha agora a grabata e o espelho de vestir — e aviemos com esta, que são horas de sair (*pendura o espelho no cú*).

Simão:

Aqui tem tudo.

Matêus:

Pendure lá êsse espelho bem seguro.

Simão:

Aí está o espelho dependurado — e veja lá se está do seu agrado.

Matêus:

O diabo do espelho não tem aço murro nêle que é tam baço.

Simão:

Não é tão claro como diz — mas se quer ver melhor meta-me aqui o nariz.

Matêus:

Dê-me, agora compadre o chapéu de pancada e a bengala encastoadá.

Simão:

Aqui tem tudo compadre — e agora vamos, que são horas de sair daqui para fora — que já lá á-de estar a sua futura espôsa a esperar.

Matêus:

Ó compadre! nem ao domingo nem ao dia santo — eu nunca me vi assim de ponto em branco!

Simão:

Ora vamos lá e que deus vá na nossa companhia.

Matêus:

Uma coisa me lembra e já me esquecia; — pelo meu mosso aqui vou chamar — porque as minhas filhas lhe quero recomendar para me ter conta nelas — que não falem aos mancebos nem se ponham às janelas.

Sancho! Oh Sancho!...

Sancho:

Sr. eu vou lá (*entra*) Aqui estou meu querido e honrado patrão.

Matêus:

Vem aqui mandrião; — sabes que saio para fora e que estou na viagem sem demora — e por saber que me tens sido fiel criado — te vou deixar das minhas filhas recomendado por elas ás-de olhar — que não se ponham às janelas, nem aos mancebos falar.

Sancho:

Sr. meu amo, se o Diabo conta nas mulheres não pôde ter como quer que eu possa fazer?

Matêus:

Moço tu és valente e atrevido — se não poderes a pau podes a tiro eu em ti vou confiado. (*retira com Simão*).

Sancho:

Pode ir meu amo descansado — Ora eu fiquei metido numa tal barre-lada — que não gostei muito da empreitada — porem se alguém cá vier meter o focinho — conte que á-de levar para o caminho.

Glateia: (entra)

Que fazes aqui moço? Lá dentro te chamam!

Sancho:

Estou trabalhando para meu amo.

Glateia:

Pois estás a trabalhar de mãos espanadas — é melhor dizer que não estás a fazer nada — do que estares a mentir tão publicamente — aqui diante de tanta gente.

Sancho:

O que eu faço não lhe dê cancelra.

Glateia:

Aí temos nós maior asneira — vai a onde te chamo desavergonhado.

Sancho:

Não que já não estou no lugar de criado — já subi a outros pontos.

Glateia:

Sancho, eu já não estou para mais contos — e retira-te de mim quando não, aqui hoje será o teu fim.

Sancho:

Assim me ameaças, tão descarada — teu atrevimento curo á pancada.

Glateia:

A del rei, contra este atrevido.

Sancho:

Se alguém te socorre irá a tiro.

Glateia:

A del rei, contra este criado.

Sancho:

Se alguém vem defender-te, ficará aqui bem picado; — pois e bem que neste dia — mostre aqui a minha valentia. (*retira*).

Glateia:

Corre a meu desquique, Assis firme amante — se não te julgo como inconstante.

Laurindo: (entra)

Que vozes ouço, nesta choupana da pobre aldeia? — se me não engano são de linda Glatêia — que vendo-se por alguém perseguida terá em grande risco a honra ou a vida — ao lugar do tumulto dirijo meus passos — e sendo tu a queixosa ó Glatêia, virás a meus braços — tudo que estiver em meu alcance, — obrarei em teu favor, neste triste lance.

Sancho: (á entrada)

Para êste lado se grita no meu sentido — ora deixa-me apurar o meu ouvido.

Laurindo:

Que vozes ternas e tão sentidas — que me parecem do coração nascidas.

Glateia:

Se este pranto vos move a caridade — deparei-me o meu Assis por piedade.

Laurindo:

Eu sou o Laurindo, de Assis amigo — que venho valer-te em tão grande perigo — diz-me Glatêia, quem foi que te ofendeu? (*entra Sancho*).

Glateia:

Foi aquele criado, que me bateu...

Laurindo:

¿Que teve você com esta senhora para lhe bater?

Sancho:

Tinha licença para lho fazer — e se você vem com despique e por valente, — conte, que, á-de levar o corpo bem quente.

Laurindo:

Tal insulto não posso sofrer ou me arrisco a matar ou a morrer (*bate*).

Sancho:

O que fôr á-de se ver (*cai*) Á cão que me mataste.

Glateia:

Anda que bem pagaste — ficaria por morto — e parece que não dá romor do corpo.

Laurindo:

Se não morreu poderá morrer — é melhor cobrilo para não feder.

Glateia:

Pelos favores, que por mim tens obrado — algum dia terás o pago.

Laurindo:

Em teu favor obrei quanto viste; — quem os teus olhos, Glatêia viu tão tristes; — algum dia, se me abriam os campos de alegria — hoje com ais e tristezas estremeço — murcham as plantas que ao teu riso cresce.

Glateia:

Felis era êsse tempo, agora com flores e a porfia diz-me meu Laurindo acaso viste o meu Assis, porque suspiro triste?

Laurindo:

Á dias, que o não vi, mas que motivo, banha o teu rosto em pranto vivo?

Glateia:

Em te mostro a razão, em que me fundo — Oh! céus, que nunca vi cena igual no mundo; — quando Assis partia e me tardava — mil desgraças à ideia se me pintava — contando e lutando com meu sofrimento — as lágrimas, me serviam de mantimento — Cena cruel se me pintou a desgraça — tão triste dor que me trespassa — se é certo vem a negra morte — e sobre mim descarregue o seu golpe — Se, Assis por mim morrer, por êle eu morro — e do meu peito sangue escorra.

Laurindo:

Pobre Glateia, enxugo o teu pranto, — que um sonho falso não prova tanto.

Glateia:

Êste sonho demora Polifeno — das próprias sombras das plantas temo.

Laurindo:

Se temes a Polifeno, encosta-te a mim, que nunca te deixo e tudo que deus manda será feito.

Assis: (entra)

Se me não engana a lisongeira ideia — na altura e no gesto esta é a Glateia — está banhada em pranto o seu lindo rosto — eu corro a tirar-lhe a sua mágua com gosto.

Glateia:

Assis tu ainda és vivo? sorte igual nunca tive.

Assis:

Ainda o Assis, dos teus olhos vive.

Glateia:

Áh! céus, será mentira.

Assis:

Não, é verdade o teu Assis sou, respira.

Glateia:

Áh! céus e deuses clementes — que assim curais as chagas das viventes (**chora**).

Assis:

Tu choras? é de gosto, ou de agonia?

Glateia:

Chorava de mágua e agora de alegria.

Assis:

Choravas por mim? mereço tanto?

Glateia:

Vê bem o estrago, que a mim causou o pranto?

Assis:

Mas dis-me Glateia, porque motivo acendeu em ti êsse fogo tão vivo?

Glateia:

Um sonho, feio, e horrível — que o seres vivo me parece incrível — sonho cruel se me pintou á ideia — a desgraça maior e a cena mais feia; — sonhei que Polifeno a vida te arrancara — amável vida que esta vida ampara.

Assis:

Acredito, que por, me ver estavas morta?

Glateia:

Sim, que a má nova, quási sempre é certa.

Laurindo:

Se eu não corro a tira-la da vereda — em algum despenheiro a achavas queda.

Glateia:

Laurindo, nos meus males tomou parte — e até por compaixão quiz ir buscar-te.

Assis:

Obrigado, Laurindo, tal iquidade — colherás o fruto da tua bondade.

Laurindo:

Ums para com os outros ser bons devemos — porque todos somos irmãos e de um pai nascemos — se um irrar deve o outro enca-minhá-lo — se um cair ,deve o outro levantá-lo.

Glateia:

Diz-me meu Assis, por clemencia; — qual foi a causa da tua ausência?

Assis:

A causa da minha ausencia, conta-la temo — foi um encontro que tive com Polifeno — e entrando com êle em disputa, — nos desafia-mos e começamos á luta — porém deixo reduzido á tão triste cena — que até de contá-lo tenho pena.

Glateia:

Óh! que dizes! então mataste o desgraçado.

Laurindo:

Não, Não, ficou por aí mal tratado!

Assis:

Eu vi e com tanta dôr, o estive vendo, — que caíu morto e ficou gemendo.

Glateia:

Tu eras no coração manço cordeiro — hoje tornado em lobo carnicheiro.

Assis:

Eu carnicheiro, não sou, porém tornar-me em lobo foi preciso; porque se piedade do ladrão eu tive já eu não era teu, nem tu eras minha.

Glateia:

Se a amável vida o impio te roubava — não era uma morte, duas mortes dava.

Assis:

Êstes estremos em meu peito guardo — para atear o fogo em que ardo — vamos, vamos, Glateia alegrar, com teu lindo rosto a pobre aldeia, — que por ti chorava agora, — com bom filho, que a mai perdida chora.

Glateia:

Chora a pátria por mim — quanta amizade — devo aos bons que se mostre de piedade.

Laurindo:

Ide, que é longe, i-de que é tarde — deus vos abençoe e vos guarde — deus faça de vós dois bons esposos — que frutos deis aos céus ditosos (*retira*).

Assis:

Adeus meu pastor, meu caro amigo — Glória dos campos dêste povo abrigo.

Glateia:

Esta benção, que a nós desejas, — sobre tudo, que é teu a sobre vêjas. Assis, vamos, aqui pelo cerrado, — que é mais perto e mais povoado.

Assis:

Esposa querida, dá cá a tua mão — toma lá a minha vida e o meu coração.

Glateia:

Toma lá Assis, querido amante — em mim considera firmeza constante.

Assis:

Querida esposa, vamos por aqui por entre estas faias — dá cá o braço, salta o rêgo, e olha que não caias.

Glateia:

Feliz tu viver me fazes — aos meus bons dias novos dias trazes.

Assis:

Como posso fazer alguém ditoso, só por ser teu sou venturoso — sem ti sou rustico e pobre, — contigo sou sábio, rico e nobre.

Glateia:

Dê-mos graças ao céu e cantemos, — que assim nos tece a santa paz que temos. (*retiram ambos*).

Velha: (entra)

Cuidei que vinha, tarde; venho a suar — deixa-me para aqui acentar para limpar êste suôr venho arder com calor todo o caminho corri com pressa — e agora é bom que um pouco arrefeça entretanto que á-de vir não poderá tardar — mais socegada lhe poderei falar (*senta-se a cai*) Ai desgraçada velhinha? — maldito banco que só três pernas tinha — quem havia de dizer, que eu acentada dava tamanha trambulhada — mau fôgo pegue no banco — que foi a causa de eu me trilhar tanto — deste quadril estou escancelada — desta perna desfiada — ora vamos a ver — se me poderei irguer — ai, que já vejo que, não, que me pesa muito o cú para o chão — deus traga por hai quem me dê a mão. (*entra Simão e Mateus*).

Simão:

Óh? compadre, ólhe que já cá está a esposada — enfadada de esperar está deitada — ou estará ela a dormir!

Velha:

Ái que dôres nem as de parir.

Simão:

Não ela está acordada — senhora Marta Cabreira — aqui venho com muita satisfação, á sua beira — trazendo na minha companhia o seu futuro esposado.

Matêus:

Minha senhora vocemecê que é que tem? doi-lhe alguma coisa ou não está bem?

Velha:

Olhem meus senhores, ãode perdoar — a pouca decencia de me deitar — porém não devo ser inorada — por que eu disto não fui a culpada.

Simão:

Pois isso não é modo decente — sempre se deve pôr como gente.

Matêus:

O ela estar deitada, não me aborrece — e cada vez mais a vontade me cresce.

Velha:

Eu não me deitei por querer — foi por desgraça, assim acontecer.

Simão:

Faça o favor de se levantar, — que isso não é modo corrente de falar — e veja bem o que faz — que isso não são feitos de mulher capaz.

Velha:

Não me posso levantar senhor Simão?

Simão:

Então saibamos a razão?

Matêus:

Deixe estar a senhora deitada — talvez que ela esteja bem enfadada.

Simão:

Não posso ver gente à moda de cão, — levante-se senhora Marta dêsse chão.

Velha:

Já lhe disse, não me posso levantar — sem vocemecê me ajudar.

Matêus:

Então minha senhora, está aleijada?

Velha:

Estou dêste quarto derriada, — que dei tal queda abaixo do banco que nunca na minha vida me trilhei tanto!

Simão:

E quem a mandou lá sentar?

Velha:

Vinha enfadada e foi para descansar,

Simão:

Pois se lá se não sentasse — talvez que esse quarto não puxasse.

Matêus:

Visto isto enquanto não melhorar — nada podemos arranjar?

Velha:

Olhem senhores, mulheres, enquanto podem falar — nunca lhe passa vontade de casar.

Simão:

Levante-se para tratarmos — do negócio, que já falamos.

Velha:

Eu não posso, dêste quarto desnogado.

Simão:

Ou se levanta, ou lhe moio êsse costado, — está zumbando dum homem branco!?

Velha:

A culpa, não foi minha, foi do banco — ampare-me a ver se eu me poderei erguêr — que sei se o poderei fazer.

Simão:

Ora vamos a isso dê cá êsse braço.

Velha:

Aí, que me aperta aí no inchaço.

Matêus:

Você está cheia de mazelas?...

Velha:

Não me posso mover destas costelas.

Simão:

Vamos, acima, que quem tem amores — não importa, que sofra dôres.

Velha:

Não posso dêste umbigo, nem também desta trazeira, com deus estou em pé e vi-me na derradeira.

Matêus:

Ora agora, senhora Marta, que mais nos resta é completarmos, a nossa festa — e vamos este negocio a findar — diga-me vocemecê esta resolvida a casar?

Velha:

Estou sim meu querido — e vocemecê também está resolvido.

Matêus:

Eu minha senhora, cada vez mais a vontade me cresce.

Simão:

Não vejo a quem o cazar aborrece.

Velha:

Pois se você tem essa vontade — da minha parte não á novidade.

Matêus:

Pois então vamos ajustar o casamento — para casarmos num momento.

Simão:

Isso não tem que ajustar — O que vocês ambos querem é casar.

Matêus:

Para tudo ir direito — havemos de levar êste negócio a eito, — a idade desta senhora, quero saber a ver se ainda está em estado de conceber.

Velha:

A êsse respeito não tenho medo, — que em me acho com forças e concebo.

Simão:

Aí estamos nós bem — diga-me agora quanto anos tem?

Velha:

Eu anos tenho oitenta — mas ainda estou mais fina, que algumas de quarenta.

Matêus:

Vamos agora a saber a sua riqueza e o seu ter?

Velha:

Eu tenho um prado, regadio — que não seca mesmo no estio — e quantas mais vezes é regado mais a erva cresce no prado — sei coser a fiar como se quer e tenho tudo, o que é dado a uma mulher.

Simão:

Tenho visto meu compadre — faz um belo casamento, na verdade!

Matêus:

Pois para casar, — é preciso a licença do abade — você deve ir arranjar — para ver se podemos casar?

Velha:

O senhor Simão, como amigo leal — fará de parco e de vicario geral.

Simão:

Pois eu nêste caso cumpro, com o meu dever — e aqui mesmo os pergões lhe vou ler..., — para que não havendo impedimento — se

faça êste casamento — na forma do concílio de trento, — estão justos e contratados para casar estes dois gatos pingados e se alguém souber de algum impedimento, a estes contraentes os deve descobrir — mas com malícia os não deve impedir.

Velha:

Não há senhores, quem nos impessa — espera velhinha pela remessa.

Matêus:

Como não há impedimento cuide-se no casamento.

Simão:

Como não há requisitos — vamos amarrar estes dois cabritos deixem cá ver a sua mão direita dizendo que caso com fé perfeita.

Matêus:

Tome lá senhora Maria a minha mão.

Velha:

Ai, vai a minha e o meu coração — e se mil vidas tivera tudo de boa vontade ao meu amorsinho dera.

Simão:

Vivam por muitos anos dilatados!

Matêus:

Vai mulher arranjar — alguma coisa para o jantar.

Velha:

Como é dia de função — vai haver, vaca, galo e salpicão.

Simão:

E para tudo ser com ligeireza ou vou lá dentro para por a meza (*retira a velha*).

Camila: (entra).

Eu de caso pensado, venho aqui saber a certeza do que lá fora ouvi?

Matêus:

Então que ouviste tu dizer? — não ouviste cousa que assim não possa ser.

Camila:

Lá fora anda tudo tuado — que você já está casado — e se tal coisa le aconteceu — digo que tôdo juízo perdeu.

Matêus:

Do que éla se admira — e que te parece que será verdade ou mentira?

Camila:

Digo, que se é certo o que se conta, — que se juntou um tonto com uma tonta.

Matêus:

Pois é verdade filha, que estou casado, — mas ainda não está o casamento consumado — por ora ainda estou como aquêles, que vão ao mar e tomam as ondas sem se molhar.

Camila:

E atreveu-se a casar e deixar-me solteira?

Matêus:

E que te parece, que fiz alguma asneira? Já te disse que procurasses e achasses — com quem te casasses.

Camila:

Pois decerto lhe certifico, — que no estado de solteira é que não fico, — e você foi cruel e basta — meter-me em casa de uma madrasta — com quem eu não faço vida — e tenho de viver sempre em guerra viva.

Matêus:

Âs-de beijar-lhe a mão e ás-de-lhe obedecer quando não êstes costados te heí-de moer.

Camila:

Já lhe disse que em tal caso não obedeço — beijar a mão a quem aborreço.

Matêus:

Ás-de-lhe obedecer senhora é como é — á-de beijar a mão e mais o pé.

Camila:

Não ateime mais comigo.

Matêus:

Vá fazer senhora o que eu lhe digo — e eu aqui a vou chamar e você aqui mesmo lha vai beijar. Óh! Marta, Marta anda cá?...

Velha: (de dentro)

Que queres homem? Eu vou lá

Matêus:

Arruma o que fazes e anda cá!

Camila:

Não chame por ela cá — só se ela mandar a mão e ficar lá.

Velha: (entra)

Que queres marido que estava tão ocupada?

Matêus:

Dá ali a mão a beijar à tua entiada!

Velha:

Toma lá filha a benção não ta nego.

Camila:

Já lhe disse que em tal mão não pego.

Velha:

Beija filha a minha mão, se não lanço-te a maldição.

Camila:

Tire lá a sua mão cara de cegonha sempre é mulher de pouca vergonha porca e desavergonhada — dá-me a mão a beijar tôda burrada?

Matêus:

Pois isso, não é coisa que se diga — e que se faça.

Velha:

Sempre és de má casta e de má raça.

Matêus:

Isso também não era coisa que se dissesse — igual castigo com ela merece — e assim para que uma seja obediente — e a outra saiba como gente — principio, pela esquerda e acabo pela direita — e julgo que não será obra mal feita (*bate na Camila e depois na velha*).

Camila:

Ai minhas costas.

Matêus:

Assim se pago as más respostas.

Velha:

Ái-que não posso dar um passo.

Matêus:

Ainda me falta por-te assim um braço — arre, uma diz que não beja a mão outra diz que é de fraca geração — ambas me fizeram tal ofença — que não pode o ensino ter dispensa.

Ambas:

Quem acode a estas desgraçadas.

Matêus:

Ainda me estais com tais berradas? deixai estar que eu faço de marido e mais de pai.

Entram todos e dizem:

Que bulha é esta, que aqui se está fazendo?

Ambas:

É êste homem que nos está batendo.

Matêus:

Vocês que é que quer sou eu que bato na filha e mais na mulher — e vocês façam o favor de esperar — que alguma coisa lhe vai tocar (bate em todos e retiram-se).

F I M

Sumário

As covas eremíticas de Sabariz, Manuel Luís Real, Isabel Maria Fernandes, Rui Tavares e Pedro Sá	5
Nouvelles inscriptions du nord du Portugal, Patrik le Roux e Alain Tranoy	31
Uma relíquia epigráfica dos Ju- deus de Braga, Geraldo J. Amadeu Coelho Dias, O.S.B.	38
Arquitectura de ferro na cidade de Braga, Eduardo Pires de Oliveira	57
Museologia da fotografia em Braga e (porque não?) no País inteiro, Luís Manuel Ma- teus	73
Alguns bailes de Entrudo, Feli- ciano Lopes Gomes	89
Protecção do Artesanato	125
Notas de leitura-5, Henrique M. Barreto Nunes	132
Vária	
1. I Encontro Nacional de Fo- tografia Antiga	142
2. Recensões bibliográficas (La Galice Romaine)	146
3. Textos da ASPA para a im- prensa (o caso de Tibães; A ASPA e a C. M. de Braga; A destruição da Casa dos Crivos)	148
4. Documentos internos d ASPAs (proposta de classifi- cação de 2 imóveis e Braga	
5. Necrologia (Dr. Manuel Br ga da Cruz)	
6. Noticiário da ASPA	

Separata editada
pela ASPA — Associação para a Defesa,
Estudo e Divulgação do Patri-
mónio Cultural (Braga)

Composição e impressão:
Ofic. Gráficas do «Parque de Exposições de Braga»
Praceta P.º Sena de Freitas, 64 — 4700 BRAGA

biblioteca
municipal
barcelos



15989

Alguns bailes de entrudo 2